

# O Outro, o Mesmo

---

**Carlos M. Teixeira\***

***The Other, the Same***

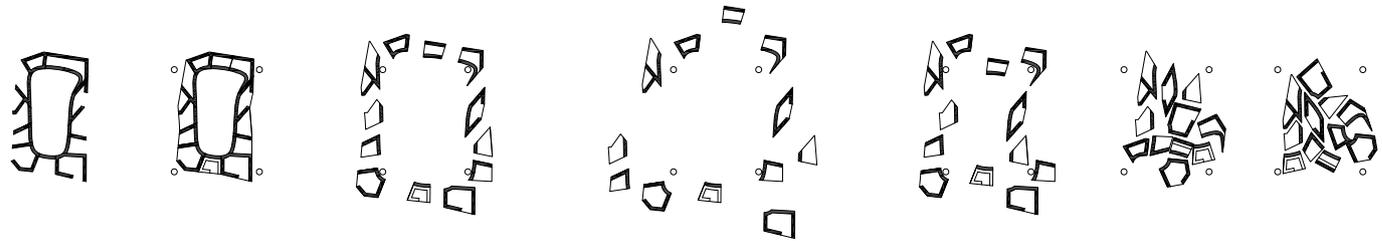
**RESUMO:** Com o tema “Existe sempre um copo de mar para um homem navegar”, a 29ª. Bienal de Arte de São Paulo incorporou seis terreiros, ou áreas para eventos e descanso, espalhados pelo pavilhão do parque Ibirapuera. Convidado pelos curadores Moacir dos Anjos e Agnaldo Farias, este texto apresenta a participação do autor na mostra com o terreiro O Outro o Mesmo, uma arena para eventos de dança, teatro e música que pode ser rearranjada de outras maneiras.

**Palavras-chave:** terreiro, Bienal de Arte de São Paulo, *performance*.

**ABSTRACT:** With the theme “There is always a cup of sea to sail in”, Sao Paulo’s 29th Art Biennial incorporated six “terreiros” (spaces that refer to informal spaces where Brazilians may ritualize their hybrid religions or believes) - or “patios” for watching events and resting throughout Ibirapuera Pavilion. Invited by the curators Moacir dos Anjos and Agnaldo Farias, the author presents here his participation at the terreiro, “The Other, the Same”, an arena for dance events, theater and music that can be rearranged in different ways.

**Keywords:** *Terreiros (patio)*, São Paulo Art Biennial, *performance*.

\* Arquiteto pela EA-UFGM e mestre em Urbanismo pela Architectural Association, publicou os livros *História do vazio em BH* (Cosac Naify, 1999), *Espaços colaterais* (Cidades Criativas, 2008), *O condomínio absoluto* (C/Arte, 2009), e é sócio do escritório Vazio S/A.



Seis obras diferenciam-se entre as 159 que integram a 29ª Bienal de Arte de São Paulo: idealizados por artistas e arquitetos para o Pavilhão da Bienal, os ditos “terreiros” são parte de uma estratégia da curadoria para abrigar eventos, criar áreas de convívio e fomentar discussões que integram a programação de eventos da exposição.

“O Outro, o Mesmo” é o nome do terreiro que projetei com base nesse título que me foi passado pela curadoria. Espaço modular feito de paredes de papelão ondulado empilhado e construídas sobre “carros-cacos”, essa arena para ficção e *performance* destina-se a apresentações que tenham como centro o corpo. Em sua configuração original, os carros-cacos definem um espaço isolado de seu entorno, porém, em contato com o espaço expositivo, podem ser utilizados para descanso, conversas, encontros. Em outras situações, com os carros-cacos abertos, o terreiro invade seu entorno e transforma em palco uma área que ultrapassa em muito a área a ele designada originalmente, expandindo-a até os limites do prédio. Quando contraído, o terreiro revela-se labiríntico e demarca uma arena irregular e disforme, o que embaça a contiguidade entre o dentro e o fora dos carros-cacos e desliga-os de sua função original.

Apesar do título, o processo do projeto ocorreu de maneira mais ou menos intuitiva e sem uma referência literária mais clara. Antes reli “O outro” (em *O livro de areia*) e “Borges e eu” (em *O fazedor*), de Jorge Luis Borges, mas fazer qualquer ligação entre esses textos e o terreiro seria algo forçado. Eles falam sobre a relação entre um Borges autor e um Borges leitor (“Borges e eu”), e um Borges jovem e um Borges velho (“O outro”).

Mais que qualquer outra coisa, o título “O Outro, o Mesmo” me lembra o terrível *A transparência do mal* (Jean Baudrillard, 1990), ensaio que me impressionou quando eu estava escrevendo o livro *História do vazio em BH*, e que também reli, em parte, recentemente. Não queria transformar essa apresentação

Figura 1 - Terreiro "O Outro, o Mesmo".  
Foto: produtora Duas Águas





Figura 2 - Terreiro “O Outro, o Mesmo”. Foto: Carlos M Teixeira



Figura 3 - Terreiro "O Outro, o Mesmo".  
Foto: Nelson Kon



Figura 4 - Terreiro "O Outro, o Mesmo".  
Foto: Nelson Kon

em um texto de estudos culturais, mas num terreiro – palco de eventos, cultos e sincretismos –, em que o Outro e o Mesmo tendem a se igualar, as diferenças entre os dois passando a ser cada vez menos precisas. Mas a relação compreensiva e reconciliadora com o Outro, na verdade, é denunciada por Baudrillard; a ausência de conflito e de atritos com o Outro sendo resultado de uma lógica nociva, excessivamente humanista, racional e plena de entendimentos – ausência associada a uma suicida ausência de anticorpos (que só seriam provocados pelo conflito com o Outro). Mas esse Outro como uma “estratégia fatal” de Baudrillard não tem muito ver com o Outro desse terreiro, já que ele mesmo associa a capacidade de absorção da cultura brasileira (que, segundo Baudrillard, devora a cultura branca) à sedução, aos rituais, ao irracional. Ela escapa dos sistemas modernos de apaziguamento de diferenças por ser uma mistura ditada por meios mais primitivos que não têm a ver com o estado de direito ou as ciências humanas modernas. O Outro e o Mesmo, então, estariam relacionados e misturados pela voracidade e pela violência; não pela antropologia ou por meio de dispositivos legais. Quer dizer, um Outro que não tem a ver com os recentes discursos do feminismo, das minorias raciais e do homossexualismo, e tampouco com os direitos associados a (ou conquistados por) eles.

Buscando uma referência um pouco mais prática: o também espaço para ficção e *performance* Spiral Booths (Cabines Espirais), que projetei recentemente para uma exposição no Victoria & Albert Museum (1:1 – Architects Build Small Spaces), tem semelhanças com o terreiro porque ambos foram imaginados como espaços para eventos, e ambos procuram convidar artistas das artes cênicas a usá-los como ponto de partida para um novo trabalho. No caso do V&A, imagino que tenha sido realmente difícil adaptar algo já existente (um texto, uma coreografia) para a estrutura que propus, já que ela fragmenta o palco em micropalcos, enclausura e isola cada ator dentro desses cubículos (que têm menos de 1 m<sup>2</sup>) e força uma aproximação radical não só entre ator e público dentro dessas cabines, mas também entre todas as pessoas que circulam pela escada espiral. Não sabia como as companhias de teatro de Londres fariam uso da instalação, e não o saber para mim foi uma coisa boa.

No caso do “O Outro, o Mesmo”, creio que o aspecto disforme dos carros-cacos remete à idéia de um pátio informal, que é um terreiro. Existe uma disposição que podemos chamar de formal, com a arena ameboide; mas ela é apenas uma entre inúmeras outras possibilidades de arranjo das partes. O espaço pode ser inicialmente entendido como um vazio para eventos, mas ele também é uma dúzia de estilhaços que nada lembram a arena; são carros-cacos como fragmentos de uma forma perdida, de uma organização que é apenas uma entre outras organizações possíveis.

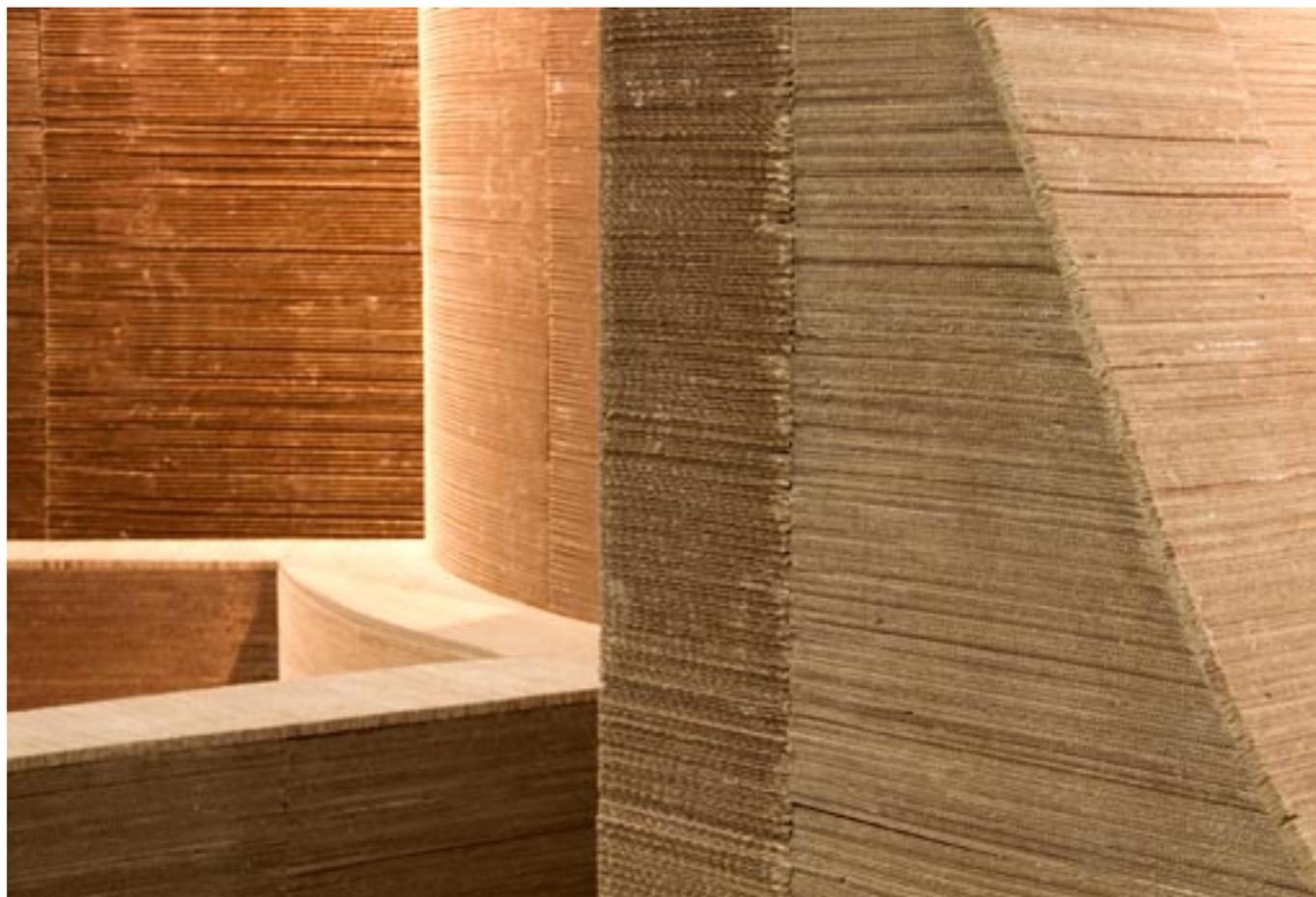


Figura 5 - Terreiro “O Outro, o Mesmo”. Foto: Camila Picolo

Figura 6 - Terreiro "O Outro, o Mesmo".  
Foto: Camila Picolo

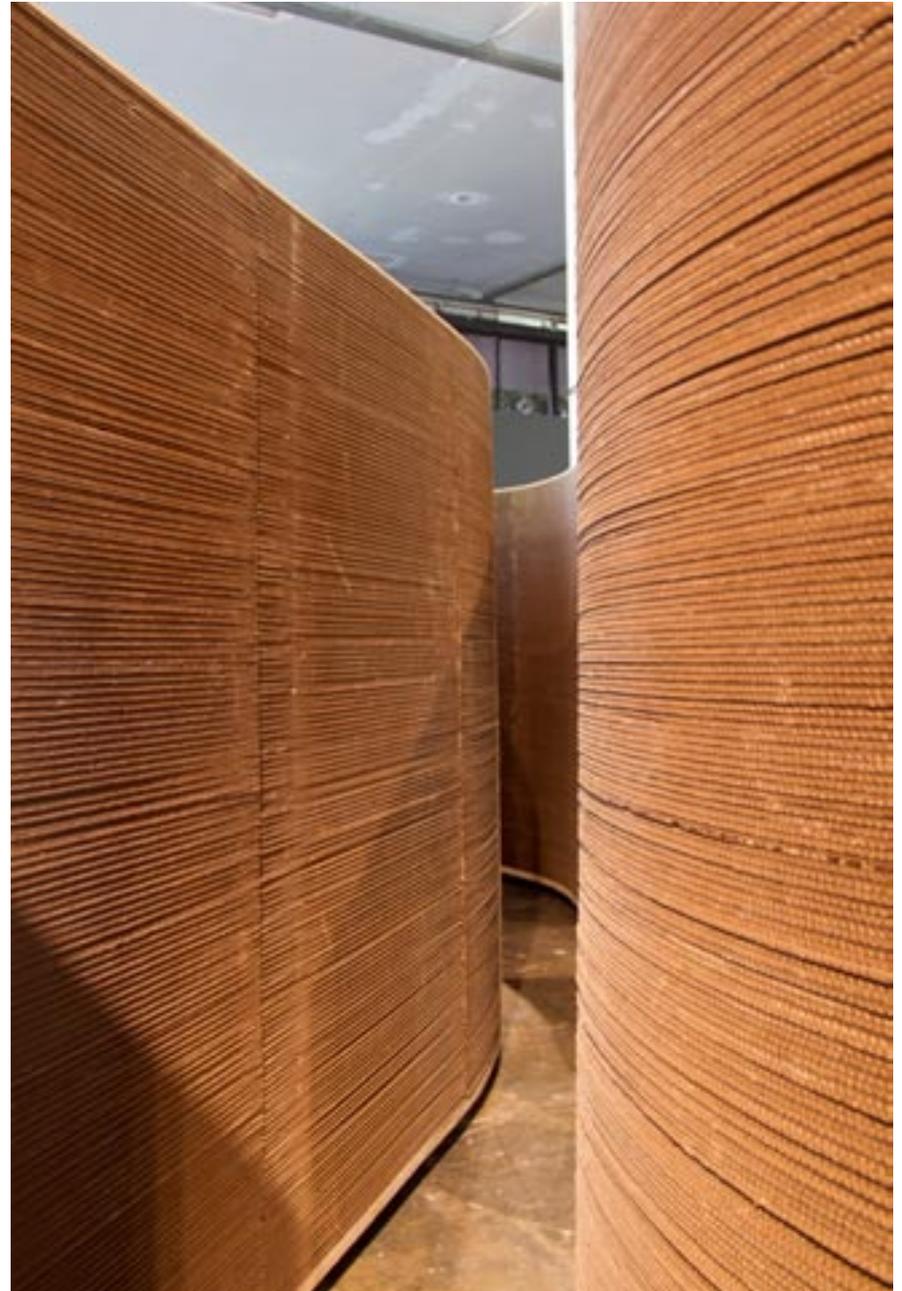




Figura 7 - Terreiro "O Outro, o Mesmo". Foto: Camila Picolo

Portanto, o ponto de partida do projeto é um espaço que condiciona o evento, mas esse espaço pode também ser destruído e reimaginado a critério dos diretores e coreógrafos ou dos próprios visitantes da Bienal. Quando define uma arena em planta, o desenho dos carros parece primevo e antropomórfico, apesar de essa figura só existir na abstração de um desenho, e não no espaço. E, quando embaralhados aleatoriamente ou dispostos de maneiras que eu não sei quais serão, esse espaço labiríntico e irracional remete ao Outro incorporado; a uma forma figurativa e antropomórfica (a planta) que foi desfeita e refeita como elementos misturados.



Figura 8 - Terreiro " O Outro, o Mesmo". Foto: Nelson Kon



Figura 9 - Terreiro "O Outro, o Mesmo". Foto: Nelson Kon



Figura 10 - Terreiro " O Outro, o Mesmo". Foto: Nelson Kon



Figura 11 - Terreiro "O Outro, o Mesmo". Foto: Nelson Kon